

“História da Lepra no Brasil - álbum das organizações antileprosas”: Souza-Araújo em defesa da política isolacionista para o combate à lepra no Brasil

Silvia D. Schneider¹

Resumo

O médico paranaense Heráclides César de Souza-Araújo (1886-1962) foi um destacado leprologista brasileiro e defensor do modelo isolacionista de combate à lepra no Brasil. Ao longo de sua carreira médica publicou cerca de 200 trabalhos sobre a enfermidade, conferindo um papel de destaque para as imagens, as quais contribuíram para reverberar seu discurso. O presente estudo tem como objetivo discutir de que forma o corpo doente e os espaços que estes ocupavam foram compreendidos por Souza-Araújo, a partir do diálogo entre alguns escritos do médico e fotografias publicadas no segundo volume da obra “História da Lepra no Brasil” - Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações Antileprosas”.

Palavras-Chave: Lepra; fotografia; Souza-Araújo.

Abstract

125

The Brazilian physician Heráclides César de Souza-Araújo (1886–1962), from the state of Paraná, was one of the country’s most famous leprologists, who defended the use of the isolationist model for the control of the spread of leprosy in Brazil. Over the course of his medical career, Souza-Araújo published approximately 200 papers on the disease, in which he highlighted the images of the patients, as a way of resonating his message. The present study discusses how Souza-Araújo comprehended the body of the infected and the spaces that they occupied through an overview of some of his texts and photographs published in the second volume of his work “History of Leprosy in Brazil – the Republican Period (1889–1946) – a compendium of the anti-leprosy organizations”.

Key words: Leprosy; photography; Souza-Araújo.

¹ Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e doutoranda em História na mesma instituição. E-mail: silviaschneider1502@gmail.com.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir a relevância das imagens na constituição do discurso do médico paranaense Heráclides César de Souza-Araújo,² a partir do diálogo entre alguns de seus escritos e nove fotografias, agrupadas em 8 figuras, as quais fazem parte do segundo volume do livro “História da Lepra no Brasil” - Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações Antileprosas”. Este volume é composto exclusivamente por imagens, totalizando 1.022, sendo 991 fotografias e 31 ilustrações, distribuídas em 380 estampas. Por meio das imagens selecionadas problematizemos de que forma o corpo doente e os espaços que estes ocupavam foram compreendidos pelo médico, a partir da associação entre o discurso e o visível (FOUCAULT, 2008, p. 79).

Souza-Araújo dividiu o segundo volume de “História da Lepra no Brasil” em três momentos relativos à profilaxia da lepra no Brasil: “Fase Precursora da Moderna Profilaxia (1900-1920)”, com 46 imagens, distribuídas em 16 estampas; “Fase da Inspeção de Profilaxia da Lepra no D.N.S.P.³ (1921-1930)”, com 121 imagens, divididas em 44 estampas; e, “Governo Getúlio Vargas (1931-1945), Intensificação da Profilaxia”, somando 855 imagens, distribuídas em 320 estampas. Com esta divisão, Souza-Araújo expôs como a lepra era tratada antes e depois da moderna profilaxia, colocando-se como o arauto desse novo modelo de combate à lepra no país.

126

O médico iniciou seus estudos sobre a lepra após uma viagem à Argentina, onde teve contato com Rudolph Kraus, diretor do Instituto Nacional de Bacteriologia deste país. Após ser incentivado por Kraus, retornou ao Brasil e iniciou seus experimentos em leprosos do Hospital dos Lázaros do Rio de Janeiro, entre fins de 1915 e 1916 (SCHNEIDER; WADI; 2020, p. 490). Sua pesquisa despertou o interesse do presidente do Paraná, Affonso Alves de Camargo, que convidou o jovem médico para retornar ao seu estado natal para chefiar a Comissão de Profilaxia Rural do Paraná. Entre 1916 e 1921, Souza-Araújo atuou no enfrentamento de diversas enfermidades⁴ e elaborou um plano profilático de combate à lepra para ser adotado no Paraná.

Entre os anos de 1916 e 1917, no Jornal “A República”, de Curitiba/PR, Souza-Araújo escreveu uma série de artigos, defendendo e demonstrando que seu plano profilático deveria ser adotado, em caráter de urgência, no estado do Paraná. Para o médico, era improrrogável a construção de um leprosário para a “segregação de todos os doentes que habitassem centros populosos” (SOUZA-ARAÚJO, 29/08/1916, p. 3). Além dessa medida, ele considerava que a enfermidade deveria ser de notificação compulsória, para efeito de isolamento, sob pena de multa; o isolamento deveria ser feito em leprosas oficiais ou privadas; os leprosos abastados poderiam se isolar em domicílio ou “onde quisessem”; e, os filhos de leprosos que

2 Heráclides César de Souza-Araújo nasceu no município de Imbituva, sul do Paraná, em 24 de junho de 1886, e faleceu em 10 de agosto de 1962, no Rio de Janeiro. Em 1912 se formou na Escola de Farmácia de Ouro Preto/MG, e, em 1915, formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Durante sua carreira, atuou junto ao Instituto Oswaldo Cruz, e esteve ligado a diversas autoridades científicas e/ou políticas, contribuindo no desenvolvimento, construção e implantação de leprosários.

3 Departamento Nacional de Saúde Pública.

4 Entre as principais enfermidades registradas por Souza-Araújo estão a ancilostomose, ascaridíase, sífilis, impaludismo, bócio e diversas verminoses (OLINTO, 2007).

não tivessem “signaes do mal”, ou que nascessem após o isolamento dos pais, seriam levados a estabelecimentos especiais, cabendo ao Estado a promoção e manutenção da educação dos mesmos (SOUZA-ARAÚJO, 23-24/02/1917, p. 6-7).

Mas, o plano profilático delineado por Souza-Araújo, não foi prontamente adotado no Paraná, como era desejo do médico. Desta maneira, tendo recebido um convite para atuar como chefe do Asylo de Tucunduba, no Pará, partiu para este estado no ano de 1921. No Pará, Souza-Araújo chefiou o Asylo de Tucunduba e, logo em seguida, assumiu a direção do Serviço de Profilaxia da Lepra do estado, recebendo destacado auxílio do governador do Pará, Dr. Antonino Emiliano de Sousa Castro, que autorizou o médico a implementar o seu plano profilático no estado, tendo como resultado a fundação, em 1924, da Lazarópolis do Prata (SCHNEIDER; WADI; 2021).

Após a inauguração da Lazarópolis do Prata, Souza-Araújo realizou uma viagem de quase 90.000 Km por 40 países entre 1924 e 1927, resultando no livro “A Lepra: estudos realizados em 40 países (1924-1927)”, publicado em 1929, pelo Instituto Oswaldo Cruz, que, juntamente com o Conselho Sanitário Internacional, da Fundação Rockefeller, auxiliaram financeiramente o médico na viagem. Além do financiamento, Souza-Araújo obteve passaporte oficial, concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, sendo recebido por autoridades de todos os países, a partir de cartas de apresentações e recomendações (SOUZA-ARAÚJO, 1929). Ao escrever sobre a lepra, Souza-Araújo, escreveu sobre si mesmo, sua prática enquanto médico-cientista e seu envolvimento com autoridades políticas e científicas, tanto no Brasil quanto no exterior. Firmou-se enquanto um dos leprologistas mais influentes do Brasil, defendendo o modelo isolacionista⁵ de combate à lepra no país, elaborando planos profiláticos e auxiliando em sua execução.⁶

127

Souza-Araújo, ao longo de seus escritos, demonstrou seu desejo de que suas obras se constituíssem enquanto referências ao se tratar da lepra. Com este propósito, lançou-se em um projeto: discorrer sobre mais de 400 anos da história da enfermidade no país, a partir de sua ótica isolacionista. Entre 1946 e 1956, o médico publicou os três volumes de “História da Lepra no Brasil”, demarcando sua posição, enquanto médico-cientista e escrevendo a sua verdade sobre a lepra. A monumentalidade da obra é evidente, tanto em relação ao período temporal que pretendeu abarcar, quanto as suas dimensões físicas.⁷

O segundo volume, como já indicado, foi composto exclusivamente por imagens, as quais seguem uma divisão estabelecida por Souza-Araújo, conduzindo o leitor a observar como a lepra e os leprosos eram tratados antes da ciência, em consonância com o Estado, atuar no combate à lepra e depois de tal atuação. O universo das fotografias está imerso em subjetividades (KOSSOY, 2001, p. 95), desde o momento em que um instante é capturado até os diferentes usos que podem ser feitos com uma fotografia. Souza-Araújo, ao explorar

5 Entre os principais defensores do modelo isolacionista estão Arthur Neiva, Oswaldo Cruz, Souza-Araújo e Belisário Penna, sendo que os três primeiros defendiam a implantação de hospitais colônias em ilhas, Monteiro (2003), Santos (2011).

6 Cf. Schneider (2011); Andrade (2011).

7 O primeiro volume, publicado em 1946 intitula-se, “História da Lepra no Brasil – Períodos Colonial e Monárquico (1500-1889)”; o segundo volume, de 1948, “História da Lepra no Brasil – Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações Antileprosas”; e o terceiro volume, de 1956, “História da Lepra no Brasil: Período Republicano (1890-1952)”.

a visualidade das imagens, concedeu uma maior veracidade ao seu discurso, pois aquilo que falava e/ou escrevia, poderia ser visto.

Para conduzir o olhar diante das imagens utilizemos os estudos realizados por Panofsky (1992), que indicam que as imagens se constituem a partir da articulação entre os seus aspectos iconográficos, suas formas, e os iconológicos, os seus significados.⁸ Além desse entendimento, problematizemos o discurso a partir de Michel Foucault (2006), compreendendo tal conceito enquanto um conjunto de enunciados, nos quais, saberes e poderes se articulam em um jogo estratégico visando se constituir enquanto uma verdade.

Entre as 1.022 imagens que compõem o segundo volume de “História da Lepra no Brasil”, foram selecionadas nove fotografias, as quais retrataram o corpo leproso e os espaços que estes ocupavam. O propósito foi dar centralidade a estes corpos enfermos, marcados pela lepra, pois foram eles que despertaram a necessidade do desenvolvimento de toda uma estrutura, a qual visava combater a doença que carregavam, a partir da segregação desses indivíduos. Além de que, estas imagens permitiram que pudéssemos elucidar o projeto de Souza-Araújo ao se lançar nesse empreendimento.

Os corpos doentes e os espaços da doença em “História da Lepra no Brasil”

128

Ao longo do século XX, a imagem fotográfica foi utilizada pela ciência para reforçar o discurso médico, concedendo a ele uma noção de verdade. Lacerda e Mello (2003), que problematizaram de que maneira foi construído, visualmente, o combate à febre amarela, indicaram que,

a tradição de utilização de imagens na medicina é bastante antiga – uma vez que as ciências médicas, pela sua peculiaridade, necessitavam confirmar os discursos com demonstrações que tornassem viáveis o empirismo de suas teorias – e os primeiros livros médicos da cultura moderna, que datam do século XV, são expressivamente ilustrados, pois tratavam principalmente daquilo que era a razão de ser do renascimento: o homem e sua anatomia (p. 544).

Além dos corpos enfermos, a ciência observou os ambientes que estes corpos habitavam. Silva (2009) explorou a associação entre o mundo das doenças e as fotos, indicando que, nas fotografias das revistas médicas brasileiras e francesas que analisou, quando a enfermidade era visível nos corpos, a doença assumia a centralidade nas imagens, e quando não era visível, o centro eram os ambientes promíscuos em que viviam os grupos considerados de risco, como indigentes, trabalhadores, pobres e moradores de cortiços. Ao utilizar-se de imagens, a medicina procurava mostrar a necessidade de interferir na sociedade, medicar os indivíduos e propor medidas de ordenamento social, para que assim, as doenças pudessem ser controladas.

As três primeiras fotografias selecionadas (figuras 1 e 2) foram incluídas na primeira parte de “História da Lepra no Brasil”, na chamada “Fase Precursora da Moderna Profilaxia”.⁹ Na figura 1, os doentes foram retratados com as marcas da doença expostas em seus rostos,

⁸ Além deste suporte teórico, diversas pesquisas que utilizaram fontes imagéticas contribuíram para o desenvolvimento deste artigo, cf. Mello; Pires-Alves, 2009; Hochman; Mello; Santos, 2002; Lacerda; Mello, 2003; Silva, 2009.

⁹ Ao longo do texto foi indicado em que fase a imagem foi disposta em “História da Lepra no Brasil”, volume 2.

mãos e pés descalços. A razão da imagem é o retrato do corpo doente e o desvelamento da doença, que passava, naquele início do século XX, a ser um problema para ser resolvido pela ciência em consonância com o Estado. Nesta estrutura, Souza-Araújo desempenhou seu papel enquanto médico, defensor do modelo isolacionista para a profilaxia da lepra.

Nas fotos da figura 1, cedidas por D. America Xavier da Silveira¹⁰, vemos os indivíduos ordenados para posar para a lente do fotógrafo, expondo suas marcas, especialmente através das mãos levantadas ou sobre as pernas, possivelmente, decorrente de um pedido do fotógrafo, que construiu uma mise en scène fotográfica. Os estigmatizados, como indicou Braga, procuravam encobrir suas marcas e não as expor (2006, p. 40), como observamos nas duas imagens.

Figura 1 – “Os primitivos asilos de leprosos do estado de S. Paulo”.



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, Heráclides César de. História da Lepra no Brasil – Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações antileprosas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. Estampa 7 e 10 (recortes). Fotografia cedida por D. America Xavier da Silveira.

Por meio destas fotografias podemos perceber os primeiros contatos desses indivíduos com lepra e a ciência médica, que atuava em conjunto com o Estado. As marcas expostas para a lente foram utilizadas como argumento por esses poderes, para justificar a necessidade de internamentos compulsórios¹¹ em locais exclusivos para estes doentes, os leprosários.

¹⁰ Vice-presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra. Cf. Santos; Leandro; 2019.

¹¹ O Isolamento Compulsório foi regulamentado através do Decreto n. 16.300, de 31/12/1923, perdurando até 1962.

A imagem conduz olhares, auxiliando na defesa, construção ou questionamento de uma ideia, e as legendas funcionam como sustentáculo destas ideias (JOLY, 1996). Assim, lemos na fotografia da esquerda, que retratou um grupo de 10 pessoas, a seguinte legenda, “Este grupo de leprosos mostra a predominância dos casos muito avançados, talvez os únicos que se internassem naquele tempo”, e, na foto à direita, um grupo com 11 indivíduos, foi identificado como “Grupo de doentes do asilo de Sorocaba, em 1924”. Souza Araújo conduziu, pela legenda, a compreensão de que aqueles indivíduos com marcas evidentes, eram, provavelmente, os “únicos” que se internavam naquele momento, em razão do Brasil não possuir uma organização de combate à lepra, mas somente estruturas “primitivas”, que abrigavam os casos graves da doença.

Em seus primeiros escritos, abordando questões relativas ao Paraná, Souza-Araújo indicou a quantidade de leprosos no estado, apontando que os doentes que viviam próximos as cidades eram muito nocivos (SOUZA-ARAÚJO, 1916, p. 2), devida a proximidade entre doentes e sãos. Para o médico, construir locais especializados para esses enfermos era impreterível, “segregando” todos os doentes que habitavam os centros populosos e ampliando as estruturas de acordo com as necessidades (SOUZA-ARAÚJO, 1916, p. 3). Souza-Araújo tomou para si este projeto, defendeu e contribuiu para o seu desenvolvimento, ao longo de sua carreira.

A ideia de “degeneração da raça” estruturou o modelo defendido por Souza-Araújo, no qual sustentava que a segregação dos leprosos seria uma forma de “salvaguardar o futuro da raça” (19/09/16, p. 5), pois a quantidade de leprosos que existiam, naquele momento iria se multiplicar, atingindo a população sã. Por isso, a necessidade de isolamento compulsório de leprosos em colônias, erigidas cerca de 6 km dos centros populosos, e preferencialmente, construídas em ilhas inabitadas de fácil acesso, com “terreno arável e água potável em abundância”. O médico defendeu que, tanto em leprosarias construídas em ilhas, ou no interior, estas deveriam ser construídas sob o “typo de villa-agrícola” (SOUZA-ARAÚJO, 29/09/1916, p. 5). Esse modelo garantiria, com o tempo, a autossuficiência da instituição, assegurando, no entendimento de Souza-Araújo, tudo que fosse necessário para os doentes dentro dos muros da instituição, assistindo “o maior número de leprosos, todos, si possível, e reduzir ao mínimo as despesas” (SOUZA-ARAÚJO, 29/09/1916, p. 6). Os corpos doentes estariam, assim, distantes dos corpos sãos.

A distância dos hospitais-colônia das cidades estava relacionada não somente com aspectos espaciais, baseados na diminuição do risco de contágio, em consequência do afastamento dos doentes, mas também representava uma fronteira simbólica, que separava os sãos e os doentes. Esta separação visava garantir que a cidade se mantivesse pura, tirando das vistas da população o problema da doença. Assim, os hospitais deveriam ser construídos afastados, longe das cidades e dos olhares. Para Lima, o leproso, que carregava as marcas em seu corpo, “em que a desgraça corporal era uma evidência da sua desgraça existencial”, era melhor longe dos olhares (2013, p. 104).

Figura 2 – “Os primitivos asilos de leprosos do Estado de São Paulo”.



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, Heráclides César de. História da Lepra no Brasil – Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações antileprosas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. Estampa 12 (recorte). Fotografia cedida por D. America Xavier da Silveira.

A figura 2 retratou um destes “primitivos asilos” de leprosos existente no estado de São Paulo. A legenda informa que se tratava de “Outro aspecto do mesmo asilo, que ficava à margem da estrada”. O local era percebido pelas autoridades sanitárias, e por Souza Araújo, como um risco eminente de contaminação, pois as pessoas sadias, ao passarem pela estrada, poderiam ter contato com os doentes, disseminando a enfermidade e comprometendo toda a sociedade. O médico indicou em diversas ocasiões, como em artigos de jornais, sua reprovação quanto ao contato entre doentes e sãos, como possivelmente ocorria ao abrigar-se doentes em uma construção modesta construída em um local inapropriado:

No Brasil, si o governo federal e os Estados não se apressarem a tomar as medidas que o caso exige, além do isolamento outras medidas coercitivas severas, embora repugne sempre tolher a liberdade individual, teremos que suportar, em um futuro não muito remoto, as funestas consequências destas imprevisões, e os nossos homens d’Estado terão que maldizer a sua desídia inqualificável, desamparando a Saúde Pública que é a base de todo engrandecimento de um povo. (SOUZA-ARAÚJO, 19/09/1916, p. 5)

A fotografia que retratou o asilo “primitivo” (figura 2) expunha, na concepção de Souza-Araújo, a falta de estruturas no combate à lepra, cenário que começou a mudar a partir das ações da ciência. Por meio das imagens, Souza-Araújo direcionou olhares, justificando um modelo de profilaxia para a lepra, o qual defendia desde 1916, e que obteve êxito em todo território nacional. Durante o governo Vargas, na gestão de Gustavo Capanema (1934-1945), frente ao Ministério da Educação e Saúde, foi implementada a “Reforma Capanema”, em 1937, a qual continha, em uma de suas pautas, a ampliação da estrutura de combate à lepra no Brasil (SANTOS, 2006, p. 98).

Figura 3 – “Combate à lepra no estado de Minas Gerais”.



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, Heráclides César de. História da Lepra no Brasil – Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações antileprosas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. Estampa 160 (recorte). Fotografia cedida pelo Dr. Orestes Diniz.

A fotografia da figura 3, retrata um grupo com cerca de 40 pessoas frente a uma estrutura considerada “primitiva”. A legenda apresenta o “Grupo de leprosos de Araguay abarracados, em Dezembro de 1944, aguardando o vagão sanitário para os conduzir ao leprosário mais próximo (de Bambuhy).” Na imagem, cedida pelo Dr. Orestes Diniz¹², os leprosos estão organizados posando para a foto, cujo plano de fundo mostra uma construção modesta, coberta com palha. No entanto, esses indivíduos não estavam em um local permanente – como o mostrado na figura 2 –, estavam ali de passagem, esperando para serem transferidos, em um vagão sanitário, para um leprosário, um local adequado. O corpo leproso aparece aqui desordenado, tanto em relação ao espaço que ocupava, quanto as marcas que carregava, ainda que estas não estejam absolutamente visíveis na fotografia em destaque. A imagem a seguir (figura 4) mostra a Colônia São Francisco de Assis, local para o qual os doentes seriam levados, de acordo com a legenda da foto.

132

Figura 4 – “Colônia ‘São Francisco de Assis’, Bambuhy, estado de Minas Gerais”.



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, Heráclides César de. História da Lepra no Brasil – Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações antileprosas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. Estampa 181 (recorte). Fotografia cedida pelo Dr. Orestes Diniz.

¹² Leprologista mineiro; ocupou diversos cargos, como a diretoria da Colônia Santa Isabel/MG, e a direção do Serviço Nacional de Lepra, durante o governo de Juscelino Kubitschek. <<http://www.acadmedmg.org.br/ocupante/cadeira-24-patrono-orestes-diniz/>>. Acesso em 27 mai. 2021.

Em outra fotografia cedida pelo Dr. Orestes Diniz, a ampla e modelar estrutura da Colônia São Francisco de Assis aparece de forma panorâmica. A legenda informou “Plano geral de urbanização do leprosário da região Oeste-Triângulo, inaugurado em 21 de Março de 1943”. Esta era o tipo de estrutura considerada adequada, de acordo com as concepções de Souza-Araújo, para abrigar os leprosos: distante do contato com os sãos e possuindo tudo o que fosse necessário para os doentes dentro dos muros da instituição, tudo muito diferente do que ocorria nos asilos primitivos, como foi indicado na figura 2. A construção de leprosários, de acordo com o médico, era fundamental para evitar que os doentes perambulassem desordenados por todos os lugares, misturando-se entre os sãos. Tal concepção foi ganhando adeptos, na medida em que os perigos da lepra passaram a ser mais alardeados, especialmente através de matérias jornalísticas.

As fotografias das figuras 3 e 4 estão alocadas na terceira fase do Álbum, “Governo Getúlio Vargas (1931-1946) Intensificação da Profilaxia”, mostrando o processo de transição para o modelo profilático ideal. Tanto nesta fase quanto na segunda – “Fase da Inspeção de Profilaxia da Lepra no D.N.S.P. (1921-1930)” – Souza-Araújo, outros profissionais e autoridades envolvidas no combate à lepra foram retratados, exibindo seus corpos saudáveis, seus saberes e tratamentos – sem eficácia comprovada – comandando os corpos doentes em direção a cura.

Na figura 5, alocada na parte referente à segunda fase, vemos Souza-Araújo posando para a fotografia, ao lado de um grupo com cerca de 30 leprosas. A legenda informa, “Grupo de leprosas, em 1921, no Dispensário de Belém, com o Chefe do Serviço”.

Figura 5 – “A profilaxia da lepra no Pará”.



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, Heráclides César de. História da Lepra no Brasil – Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações antileprosas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. Estampa 30 (recorte).

A fotografia mostra posições opostas no tocante a lepra: de um lado está o médico, detentor de um saber autorizado para falar, tratar, curar a doença, e de outro, as enfermas, sobre cujos corpos tal saber era aplicado. O saber médico, na primeira metade do século XX, dispunha de mais dúvidas do que certezas em relação à lepra, mas tomou para si a tarefa de mostrar o “majestoso problema” da doença e indicar as “grandes vantagens” que resultariam com a adoção de medidas profiláticas (SOUZA-ARAÚJO, 29/08/1916, p. 4), que tinha como fundamento, o encarceramento dos corpos leprosos dentro dos muros dos asilos-colônias. Souza-Araújo indicou que,

As leis que restringem a liberdade individual repugnam sempre, mas, em se tratando aqui de prevenir a população sã do contágio de tão grande flagelo, não trepidamos em traçar as bases das medidas coercitivas a tomar e enquanto é tempo! (SOUZA-ARAÚJO, 29/09/1916, p. 1)

A fotografia da figura 5 retratou a ação de Souza-Araújo no estado do Pará, local em que o médico auxiliou na implementação da Lazarópolis do Prata, entre os anos de 1921 e 1924. No Pará, o médico indicou em seus escritos, que o tratamento adotado foi o uso “intensivo e systematico (...) empregando o óleo de chaulmoogra sob a fórmula de Mercado-Heiser, os esterres ethylicos e os sabões sódicos ingleses desse óleo.” Segundo Souza-Araújo, sua “longa e extensiva experiência adquirida no Pará”, deu-lhe a “convicção de que a lepra é doença curável, em muitos dos casos e que o tratamento systematico de todos os leprosos traz sempre grande beneficio prophylactico”, pois, com o tratamento realizado, o doente de “aspecto quase hediondo é transformado num ser humano de aspecto normal em poucos mezes” (SOUZA-ARAÚJO, 1930, p. 15-16).

Naquele momento, não se sabia se o desaparecimento das lesões seria permanente ou não, porém, Souza Araújo passou a acreditar na cura da lepra, à medida que a sua experiência clínica aumentava, recomendando que, enquanto não houvesse certezas, os doentes deveriam permanecer encerrados dentro dos leprosários. A medicina neste ínterim, não possuía conhecimentos suficientes em relação à lepra, fazendo do corpo leproso um objeto de experiências, constituindo-se, como indicou Lima, enquanto um saber que não sabia (2013, p. 116).

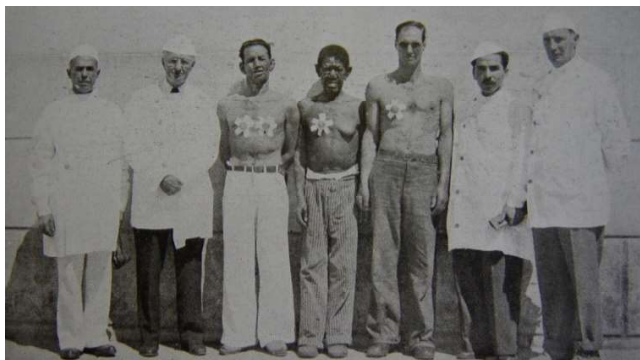
134

Durante a década de 1930, Souza-Araújo defendeu o tratamento da lepra a partir da utilização de sais, ácidos e óleo de chaulmoogra, aliado a uma alimentação adequada e atividades físicas (ANTUNES, 2018, p. 145). O óleo de chaulmoogra foi largamente utilizado no Brasil como forma de medicar a lepra. Na década de 1940, o diretor do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, George McCoy, passou a questionar sua eficácia, sendo que, em 1947, o Hospital de Carville, em Louisiana, EUA, abandonou o uso de derivados da chaulmoogra, introduzindo as sulfonas, que se disseminaram mundialmente no final da Segunda Guerra Mundial.

No Brasil, a planta medicinal ainda foi utilizada por alguns anos, mas as sulfonas agitaram o meio científico e contribuíram para o questionamento do isolamento dos leprosos. Em 1953, no VI Congresso Internacional de Leprologia, em Madri, Espanha, a comunidade científica se posicionou contra o isolamento compulsório (SIANI; SANTOS; SOUZA, 2008, p. 43-44). Os três volumes de “História da Lepra no Brasil” foram publicados em um período de mudanças nos paradigmas científicos sobre a lepra, mas que não abalaram o entendimento de Souza-Araújo sobre a doença.

Nos leprosários, os doentes passaram por inúmeras intervenções médicas em seus corpos, como indica a fotografia a seguir (figura 6) de autoria de Souza-Araújo, alocada na terceira fase do Álbum. Esta, mostra doentes entre os médicos, que experimentam em seus corpos, diferentes terapias.

Figura 6 – “Colônia ‘Santa Fé’, Três Corações, Minas Gerais”.



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, Heráclides César de. História da Lepra no Brasil – Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações antileprosas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. Estampa 179 (recorte). Fotografia de Souza-Araújo.

Nesta fotografia, os corpos doentes aparecem expostos, ao lado de médicos, os quais possuíam um saber autorizado para adotar os tratamentos que julgassem necessários, como indica a legenda:

Demonstração da infecção de carrapatos em leprosos pelo Dr. Souza-Araújo. Três pacientes com os aparelhos contendo carrapatos, entre os Drs. Kellersberger e Ernani Agrícola (à esquerda) e Celso Rossell e Almeida Neto (à direita), do leitor, em 15-02-1946.

Souza-Araújo publicou, em 1942, um estudo sobre experimentos realizados com carrapatos, para investigar a possibilidade do animal transmitir a lepra. O médico fez suas observações em diversos locais, como na Colônia Santa Teresa/SC, na Colônia Itapoã/RS, no Leprosário São Roque/PR, na Lazarópolis do Prata/PA, no Leprosário de Posadas, na Argentina e na Colônia Santa Isabel, no Paraguai. Em Santa Catarina foram selecionados alguns enfermos que, segundo Souza-Araújo, “mandamos percorrer os serrados e bosques afim de serem atacados pelos carrapatos. O resultado foi negativo” (1942, p. 95).

Alguns enfermos eram “parasitados pelos hematófagos”, permanecendo vários dias com os carrapatos na pele. Os animais eram removidos, triturados, emulsionados e centrifugados, para que fosse verificada a existência de bacilos da lepra nos carrapatos, e se, uma vez contaminados, eles seriam capazes de transmitir a enfermidade para uma pessoa sã. As experiências foram feitas repetidas vezes, em muitos indivíduos, como no menino José, de 7 anos, que ficou com um carrapato fixado na pele da virilha direita, por 5 dias. Durante este tempo, além de permanecer com o animal em seu corpo, foram feitas tentativas, todas frustradas, de fixar outro carrapato na pele do menino (1942, p. 99). Assim como José, os três indivíduos, não nomeados e retratados na figura 6, permaneceram, provavelmente, dias com carrapatos em seus corpos.

As fotografias das figuras 5 e 6 mostram o contato de dois mundos: os doentes e os médicos. Os primeiros não foram nomeados¹³, já os segundos, ao longo deste volume de “História da Lepra no Brasil”, quase sempre foram identificados. Souza-Araújo, na figura 5, de jaleco branco, foi nomeado como o “Chefe do Serviço” de Lepra no Dispensário de

¹³ Ao longo do segundo volume de “História da Lepra no Brasil” foram verificadas três legendas em que os doentes foram nomeados: Estampa 159 (Família de Jacinto Gomes de Oliveira), Estampa 160 (Leprosa Onofra), e Estampa 375 (casal Manoelinho e Germana).

Belém. Na figura 6, os três homens foram identificados como doentes, enquanto os quatro médicos foram todos nomeados.

Nas imagens destacadas por Souza-Araújo percebe-se que os leprosos foram percebidos a partir da doença que possuíam. Esta perspectiva foi destacada também por Silva nas imagens que analisou, ou seja, “O corpo, visto como doença, como suporte da doença, como veículo dela, um não-corpo, uma não-pessoa, em cuja imagem apaga-se qualquer noção de indivíduo” (SILVA, 2009, p. 309).

As fotografias das figuras 7 e 8 retrataram os doentes dentro dos muros dos leprosários. A primeira foi alocada na segunda fase do Álbum e a figura 8, na terceira fase. Aqueles corpos doentes que externavam e revelavam a doença, retratados na figura 1, agora aparecem em festas, tocando instrumentos, fazendo esportes. São corpos organizados, nos quais a doença foi sendo apagada, na medida em que passaram a ocupar o espaço destinados a eles.

A figura 7 aponta na legenda que a fotografia retratava “Um carnaval de doentes do leprosário, em 1930. Vale a pena observar o tipo dos enfermos.” A foto, uma gentileza do Dr. Varella Santiago¹⁴, mostra um grupo com 12 pessoas em um desfile de carnaval dentro do Leprosário São Francisco de Assis. Na legenda da fotografia lemos, “vale a pena observar o tipo dos enfermos”, ou seja, as pessoas ali retratadas não revelavam mais a doença e as marcas que esta causava, levando uma vida de aparente normalidade, a qual era alcançada, quando os leprosos ocupavam o espaço destinado exclusivamente a eles, onde passariam “tranquilos os últimos dias de sua mísera existência” (SOUZA-ARAÚJO, 19/09/16, p. 3).

Figura 7 – “Colônia ‘S. Francisco de Assis’, Natal, Rio Grande do Norte”.



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, Heráclides César de. História da Lepre no Brasil – Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações antileprosas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. Estampa 39 (recorte). Fotografia cedida pelo Dr. Varella Santiago.

Observamos na figura 7, no centro da imagem e em destaque, um menino como porta estandarte, circundado por outras crianças e adultos, que fantasiados formavam o bloco de “carnaval de doentes do leprosário”, posando para a foto, encenando um festejo dentro dos

¹⁴ Nasceu em Touros (RN) em 28/04/1885, e faleceu em 15/06/1997, em Natal (RN). Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, frequentando também, a Faculdade de Medicina da Bahia. Atuou no combate à lepra no estado do Rio Grande do Norte. Cf. Antunes, 2017.

muros da instituição. Na imagem do carnaval, festa que tem o intuito de romper normas e padrões (QUEIROZ, 1995), estes indivíduos posaram ordenados e não expuseram as marcas da lepra, já que estavam em um local apropriado para controlar a enfermidade, mas foram identificados enquanto “doentes”, mantendo a condição social que a eles foi imposta, a de leprosos.

Figura 8 – “Asilo Colonia ‘Pirapitinguy’, Itú-Sorocaba, Estado de São Paulo”.



Fonte: SOUZA-ARAÚJO, Heráclides César de. História da Lepra no Brasil – Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações antileprosas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. Estampa 245 (recorte). Fotografia cedida pela D. Eunice Weaver.

A fotografia da figura 8 revelou outro aspecto da vida no isolamento, “Um animado baile nos salões do ‘Casino’” existente dentro do Asilo Colônia Pirapitinguy. Este hospital-colônia, localizado em Itú/SP, foi o maior do estado, ocupando uma área de 600 alqueires, chegando, em 1942, a abrigar 2.997 doentes. O salão de festas (figura 8) chegava a comportar 600 pessoas (BRAGA, 2006, p. 86-87). Na fotografia cedida por D. Eunice Weaver¹⁵, podemos observar os corpos, doentes sem a doença visível, externando a harmonia com o espaço que ocupavam, compartilhando uma vida aparentemente saudável, e, dando-nos a ideia, até mesmo, de uma existência cheia de divertimentos, compartilhados com outros doentes internos do hospital-colônia.

Através das imagens selecionadas, observamos a constituição do discurso de Souza-Araújo e a instituição da sua verdade para tratar a lepra. O médico, entusiasta dos hospitais-colônias para isolamento dos leprosos, demonstrou através das imagens, que o modelo isolacionista que defendia, seria a melhor opção a ser adotada para combater à lepra e preservar toda a sociedade.

Considerações Finais

A lepra, “uma das mais antigas doenças humanas” (ORNELLAS, 1997, p. 59), no limiar do século XX, passou a ser percebida como um problema, a qual deveria ser combatida, de acordo com o discurso defendido por Souza-Araújo, através das ações conjuntas entre o

¹⁵ Eunice Weaver foi um dos nomes de maior destaque durante o período da intensificação da profilaxia da lepra; Weaver atuou em preventórios, auxiliando no cuidado com as crianças separadas dos pais. Era uma das damas de caridade mais atuante no Brasil, presidindo a Federação das Sociedades de Assistência aos Lázarus e Defesa contra a Lepra entre 1935 a 1969. Cf. Santos; Leandro; 2019.

Estado e a ciência. O corpo leproso foi transformado em “propriedade da medicina e do Estado”, que os manipulou, esquadrinhou e avaliou, tomando-os a partir da enfermidade que possuíam, como corpos sem identidade e autonomia (LIMA, 2013, p. 105-106).

Souza-Araújo, defensor do modelo isolacionista para combate à lepra, elaborou e contribuiu para a execução de planos profiláticos ao redor do Brasil, além de desenvolver pesquisas e escrever sobre a enfermidade. Entre as décadas de 1940 e 1950, o médico publicou os três volumes de “História da Lepra no Brasil”, instituindo a sua verdade em relação a doença no país, documentando e registrando como a lepra era tratada antes e depois da intervenção da ciência e do Estado. No segundo volume da obra, “História da Lepra no Brasil – Período Republicano (1889-1946), álbum das organizações Antileprosas”, publicada em 1948, percebemos a construção do discurso de Souza-Araújo, ao demonstrar, através de imagens, os asilos primitivos de combate à lepra e os modernos leprosários, os quais o médico defendeu e auxiliou em sua implantação.

Do conjunto das 1.022 fotografias, selecionemos nove, por identificar a representatividade destas imagens para a compreensão da forma com que os corpos doentes e os espaços que estes ocupavam aparecem em “História da Lepra no Brasil”. Nas figuras 1 e 2, identifiquemos a construção discursiva de Souza-Araújo, ao demonstrar como a lepra e os leprosos eram e viviam antes da moderna profilaxia. Nas figuras 3 e 4, vimos os doentes em um espaço transitório, em direção ao local construído exclusivamente para eles. E, dentro dos muros dos leprosários, os corpos doentes passaram por experimentos, como vimos nas figuras 5 e 6, sendo retratados ao lado dos médicos, aos quais, eram permitidas realizar tais experimentações. E, nas figuras 7 e 8, os doentes foram retratados em festas e comemorações.

O desafio que percorremos, neste artigo, foi relacionar as fotografias e o discurso de Souza-Araújo, identificando que, através destas imagens, o médico reverberou a sua verdade sobre a lepra, justificando o modelo adotado para o combate à enfermidade no Brasil, do qual era um dos defensores, ao lado de outros cientistas, religiosos e políticos, como Arthur Neiva, Oswaldo Cruz, Belisário Penna, Eunice Weaver e outras personalidades que atuaram em prol do isolamento compulsório de leprosos no país.

Ao escrever sobre a doença, o médico escreveu sobre si mesmo, constituindo-se como um homem da ciência, defensor do modelo isolacionista, acreditando que a melhor forma para combater à lepra era a construção de hospitais colônias para isolar compulsoriamente as pessoas atingidas pela enfermidade. Colocou-se como o personagem do cientista que sabia e queria contribuir para o combate e extinção da lepra no país. Com “História da Lepra no Brasil”, Souza-Araújo demarcou o seu campo de atuação e reforçou seu discurso médico-científico, demonstrando como a enfermidade foi tratada desde o início do século XX até a década de 1950.

A partir da década de 1950, o internamento compulsório nos leprosários passou a ser cada vez mais questionado, mas Souza-Araújo permaneceu atribuindo funções para as estruturas dos hospitais-colônias (SOUZA-ARAÚJO, 1959). O médico percebia que o período histórico que ele vivia já não era mais aquele do começo do século, mas não admitia, totalmente, que todo o projeto ao qual esteve ligado durante sua vida, estava ruindo.

Souza-Araújo, através da visualidade das imagens, contribuiu para que a enfermidade fosse percebida como um mal eminente, cabendo medidas urgentes para conter a sua disseminação, reverberando, como apontaria Foucault, uma determinada verdade em relação a lepra, tanto no meio científico, para seus pares, quanto para a população em geral.

Em 1956, escreveu no prefácio do terceiro volume de “História da Lepra no Brasil”, que possuía material para um quarto volume da obra, mas achava que não conseguiria publicá-lo devido às pesquisas que desenvolvia no Instituto Oswaldo Cruz, e, em razão, da obra que estava escrevendo intitulada “Memórias de um médico”. Indicou que, “Prefiro deixar esta tarefa para futuros leprologos mais jovens e que tenham sofrido os embates da campanha antileprosa de 1931 até esta data” (SOUZA-ARAÚJO, 1956, p. V), colocando-se de fora dos debates que estavam ocorrendo naquele momento, final da década de 1950. Naquele momento, o modelo que Souza-Araújo defendeu durante toda a sua trajetória profissional, era alvo de questionamentos e contestações. Souza-Araújo, manteve-se afastado desse embate, pois ao se colocar, precisaria questionar toda a sua trajetória e prática médica.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Marcio Magalhães de. **Capítulos da História Sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza-Araújo entre os anos de 1910 e 1920**. 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

ANTUNES, Isa C. B. O Poder da Medicina: Uma trajetória do médico Manoel Varela Santiago (1885-1975). In: XXIX Simpósio Nacional de História, contra os preconceitos: História e Democracia. **Anais**. Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

----- **Leprosário São Francisco de Assis (1923-1941): o espaço físico e as práticas médicas**. Dissertação (Mestrado), UFRN, Natal, 2018.

BRAGA, Andréa B. F. **“O que tem de ser tem força”: narrativa sobre a doença e a internação de Pedro Baptista, leproso, meu avô (1933-1955)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde), Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In.: **Domínios da História**. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

----- **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

HOCHMAN, Gilberto; MELLO, Maria Teresa B. de; SANTOS, Paulo Roberto E. dos. A Malária em foto: imagens de campanhas e ações no Brasil da primeira metade do século XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. v. 9, supl: 233-73, 2002.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da Imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LACERDA, Aline Lopes; MELLO, Maria Teresa V. Bandeira de. Produzindo um imunizante: imagens da produção da vacina contra a febre amarela. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v. 10, supl. 2, p. 537-71, 2003.

LIMA, Zilda Maria M. O Combate à lepra no Ceará: o corpo leproso entre saberes e poderes. *História e Culturas*. v. 1, n. 2, p. 101-116, jul./dez. 2013.

MELLO, Maria Teresa V. Bandeira de; ALVES-PIRES, Fernando. Expedições científicas, fotografia e intenção documentária: as viagens do Instituto Oswaldo Cruz (1911-1913). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v. 16, supl. 1, jul, p. 139-179, 2009.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Prophylaxis and exclusion: compulsory isolation of Hansen's disease patients in São Paulo. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. v. 10, supl. 1, p. 95-121, 2003.

ORNELLAS, Cleuza Panisset. **O Paciente Excluído: História crítica das práticas médicas de confinamento**. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia: temas humanísticos na arte do renascimento**. Estampa: Lisboa, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. A Ordem Carnavalesca. *Tempo Social*, USP, São Paulo, 6 (1-2): p. 27-45, 1994.

SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. **Entidades Filantrópicas & Políticas Públicas no combate à lepra: Ministério Gustavo Capanema (1934-1945)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, Francieli L.; LEANDRO, José A. Mulheres da Federação de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a lepra, 1926-1947. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 26, p. 57-78, supl., dez. 2019.

SCHNEIDER, Silvia D. **Lepra: fotografia e discurso na obra de Souza-Araújo (1916-1959)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2011.

-----;WADI, Yonissa M. Souza-Araújo e a construção de um projeto: o combate a lepra pela segregação dos leprosos (1916 - 1924). *Revista de História Regional*. 25(2): 488-521, 2020.

SIANI, Antonio Carlos; SANTOS, Fernando S. Dumas dos; SOUZA, Letícia P. Alves de. O óleo de chaulmoogra como conhecimento científico: a construção de uma terapêutica antileprotica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v. 1, n. 1, p. 29-47, jan.-mar. 2008.

SILVA, James R. **Doença, Fotografia e Representação: revistas médicas em São Paulo e Paris, 1869-1925**. São Paulo: Ed. USP, 2009.

SOUZA-ARAÚJO, H. C. Problemas de Hygiene: a lepra no estado do Paraná. *A República*. Curitiba, 29/08/1916 (Recorte).

----- . Problemas de Hygiene: defesa contra a lepra. **A República**. Curitiba, 19/9/1916. (Recorte).

----- . Problemas de Hygiene: a regulamentação da lepra no Paraná. **A República**, Curitiba, 29/09/1916 (Recorte).

----- . **História da Lepra no Brasil**. 3v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946, 1948, 1956.

----- . **Lazarópolis do Prata: a primeira colônia agrícola de leprosos fundada no Brasil**. Empreza Gráfica Amazonia: Belém, 1924.

----- . **A Lepra: estudos realizados em 40 países (1924-1927)**. Rio de Janeiro: typ. do Instituto Oswaldo Cruz, 1929.

----- . O tratamento da lepra. **Medicamenta**, v. 9, n. 102, p. 15-16, 1930.

----- . Poderá o carrapato transmitir a lepra? Isolamento e cultura dum bacilo acido-álcool resistente de sedimento de “*Amblyomma cajennense*” capturado em leproso. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, 37 (2), p. 95-103, 1942.

----- . O Plano de Profilaxia da Lepra. **Revista Brasileira de Medicina**. V.16, n.8, p. 556-559, 1959.